

Clássicos Juvenis TRÊS POR TRÊS

TRÊS P A S



HAMLET  
William Shakespeare  
CARTA AO PAI  
Franz Kafka  
PAI EMBRULHADO  
PARA PRESENTE  
Paulo Bentancur



**ILUSTRAÇÕES** ANA MARIA MOURA

Prêmio Açorianos de Literatura 2010  
Categoria Infantojuvenil

1ª edição

**Coleção Três por Três**

**Gerente editorial**

Rogério Gastaldo

**Editora-assistente**

Andreia Pereira

**Revisão**

Pedro Cunha Jr. (coord.) / Lilian Semenichin / David Medeiros

**Pesquisa iconográfica**

Cristina Akisino (coord.)

**Gerente de arte**

Nair de Medeiros Barbosa

**Assistente de produção**

Grace Alves

**Diagramação**

Aeroestúdio

**Coordenação eletrônica**

Silvia Regina E. Almeida

**Colaboradores**

**Projeto gráfico**

Aeroestúdio

**Ilustrações**

Ana Maria Moura

**Coordenação**

Marcia Kupstas

**Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar**

Silvia Oberg

**Preparação de textos**

Silvia Oberg / Andreia Pereira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Três pais / ilustrações Ana Maria Moura. – 1. ed. – São Paulo : Atual, 2009. –  
(Coleção Três por três : clássicos juvenis / coordenação Marcia Kupstas)

Conteúdo: Hamlet / William Shakespeare – Carta ao pai / Franz Kafka –  
Pai embrulhado para presente / Paulo Bentancur.

ISBN 978-85-357-1159-2

I. Literatura infantojuvenil I. Shakespeare, William, 1564-1616. II. Kafka,  
Franz, 1883-1924. III. Paulo Bentancur. IV. Série.

09-05129

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

*Copyright* © Paulo Bentancur, 2008.

Direitos reservados à

**SARAIVA Educação S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.coletivoleitor.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810578

CAE: 576131

10ª tiragem, 2019

## SUMÁRIO

### **Prefácio**

Três pais preocupados 7

### **HAMLET - O FANTASMA DE MEU PAI 11**

- William Shakespeare 12
1. Sombras sobre o trono 13
  2. Luto 15
  3. As testemunhas 17
  4. O fantasma 19
  5. A loucura faz o amor esperar 21
  6. O teatro no teatro 23
  7. A plateia acusa o golpe 25
  8. A segunda visita do fantasma 26
  9. A reconciliação e o duelo 27
  10. A vingança 29



## CARTA AO PAI – PREZADO E TEMIDO 31

Franz Kafka 32

Querido pai (*texto da carta*) 33



## PAI EMBRULHADO PARA PRESENTE 49

Paulo Bentancur 50

1. Hora de partir 51
2. 6.307.200 quadras 54
3. Tantas praias 56
4. Veloz demais 60
5. Um céu sem aviões 64
6. O Homem Invisível 67
7. Voltam os aviões a subir 70
8. A escolha impossível 74
9. Sem bagunça e sem paz 75
10. Hora de nunca mais partir 77



## TRÊS PAIS PREOCUPADOS

Três autores, três épocas, três lugares... e um tema central, reunindo três diferentes narrativas. Quantas semelhanças pode haver entre essas histórias, quantas são suas particularidades...

*Hamlet*, de William Shakespeare; *Carta ao pai*, de Franz Kafka e *Pai embrulhado para presente*, de Paulo Bentancur, que também adaptou os textos clássicos, apresentam três maneiras distintas de relacionamento entre pais e filhos. Hamlet é o jovem príncipe da Dinamarca, assombrado pelo fantasma do pai, que lhe cobra vingança. Kafka se assume protagonista de uma carta para o pai que o “assombra” sem ser fantasma, com seu autoritarismo e críticas constantes. O pai jornalista de *Pai embrulhado para presente* é uma pessoa preocupada com o futuro, já que sua profissão pode levá-lo para longe da convivência com as filhas. São três registros muito diferentes, mas que mostram a onipresença da figura paterna marcando o destino de seus filhos.

Tanto em *Hamlet* como em *Carta ao pai* a narrativa é centrada nos filhos. Hamlet deveria herdar o trono após a morte do pai, em circunstâncias misteriosas. Sua mãe, porém, casa-se com o tio, que se torna rei. Hamlet vê o fantasma do pai, que lhe diz que foi assassinado pelo irmão. Diante de tantas possibilidades infames, o rapaz se dilacera em dúvidas: deve acusar o tio e a própria mãe de conspiração? Deve se vingar deles, desprezando as ligações de sangue que os unem? Deve buscar a justiça dos homens e revelar o odioso crime contra o rei que é seu pai? Mas

com que provas? Essas dúvidas “hamletianas” povoam a imaginação do público desde que a peça foi encenada, no início do século XVII, na Inglaterra.

Trezentos anos depois de Shakespeare, Kafka apresenta outro tipo de sentimento em relação à figura paterna. Não é a fidelidade a sua memória que o move, mas o ressentimento. *Carta ao pai* é exatamente isso, a conversa de Kafka com um pai de personalidade e corpo fortes, preocupado com o futuro de um filho tímido e franzino. Seu início contundente traz “uma séria pergunta: por que eu afirmo que você me causa medo?”.

No restante, o escritor esmiúça um relacionamento marcado pela intransigência. Talvez uma intransigência de ambas as partes, porque Franz também não compreendia o pai e, ao registrar suas mesquinhas e contradições, foi quase vingativo. Para um adulto de 36 anos (sua idade quando escreveu a missiva), tantas cobranças talvez merecessem outra reflexão, dessa vez de Sartre, escritor de igual relevância na história da Literatura: “O que importa não é aquilo que as pessoas fizeram com você. O que realmente importa é aquilo que você fez com aquilo que fizeram com você.”. E o que Kafka fez com sua herança paterna? Ironicamente, elevou o nome Kafka (que também era o de seu pai) à glória literária e à imortalidade, inclusive por uma atividade de escrita desconsiderada pelo pai.

A terceira história é contemporânea, quase uma crônica na leveza de registro de sentimentos e atitudes. O protagonista André (um *alter ego*, isto é, um personagem calcado no autor) é um jornalista que tem duas filhas de dois casamentos, de idades bem diferentes. Júlia tem 21 anos, é estudante de Psicologia, independente e articulada. Sofia tem 6 anos e passa pela fase do “meu pai é meu herói”. André ama profundamente as meninas e teme se afastar delas. Lembra de uma viagem feita com Júlia para o litoral e como se viu cobrado pelo editor, que o coloca diante da questão: mudar-se para Brasília e se dedicar ao jornalismo político ou permanecer em Porto Alegre, perto das filhas, mas distante dos centros de decisão? Sua preocupação em ser um pai presente e dedicado pode afastá-lo de importantes conquistas profissionais. O que fazer?

Aqui estão três histórias em que a figura paterna tem um peso muito grande. Em uma delas, é o estopim de uma luta de poder, vingança e decisão. Na segunda, ronda o registro amargurado de um filho que mais temia do que amava ao pai. A terceira, representa a dúvida entre optar pela profissão ou permanecer próximo às filhas queridas. Pais e filhos,



sentimentos fortes e tantas vezes conflitantes... A coleção **Três por Três** pretende não só aproximar essas narrativas quanto a seu assunto central, mas permitir que o leitor reconheça suas diferenças.

Afinal, a proposta inovadora da coleção **Três por Três** consiste na adaptação modernizada de textos antigos, de autores significativos da literatura universal, que dialogam com uma história de escritor brasileiro, também autor das adaptações. E tem como desafio maior seduzir o jovem leitor para que conheça o que já foi feito em outras épocas sobre temas que, mesmo em nossos dias, continuam relevantes e desafiadores.

Boa leitura!

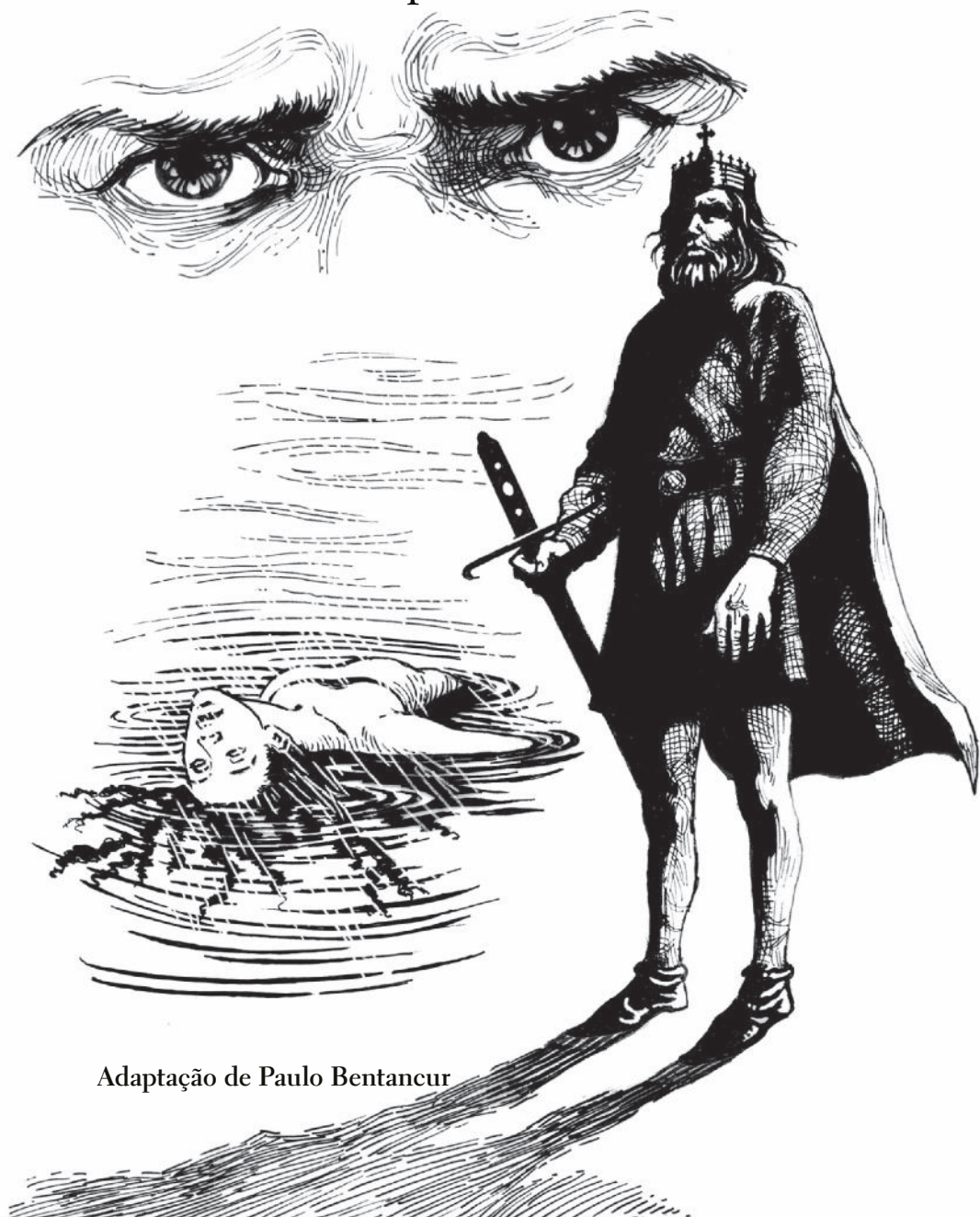
*Marcia Kupstas*



HAMLET

O FANTASMA DE MEU PAI

William Shakespeare



Adaptação de Paulo Bentancur

## **WILLIAM SHAKESPEARE.**

*Inglês, nasceu em Stratford-upon-Avon, em 1564, e faleceu na mesma cidade, em 1616. Pouco se sabe de sua vida particular, além de que se casou aos 18 anos com uma mulher mais velha, Anne Hathaway, e teve três filhos. No final dos anos 1580 ou início dos anos 1590, foi para Londres tentar a carreira de ator. É na produção literária que a genialidade de Shakespeare se revela. Desde os primeiros textos, provavelmente representados em eventos populares, até seus grandes dramas, encenados diante da corte da rainha Elisabeth I (1533-1603), o dramaturgo procurou retratar a alma humana nas suas faces mais sublimes e grotescas, personificando, por exemplo, o ciúme e a inveja, em Otelo; a ânsia de poder, em Macbeth, e o amor adolescente, em Romeu e Julieta. Foi popular e reconhecido em vida, mas sua avassaladora influência na arte ocidental veio principalmente no século XIX, com o Romantismo, para se imortalizar entre todos os povos do mundo até os dias atuais.*

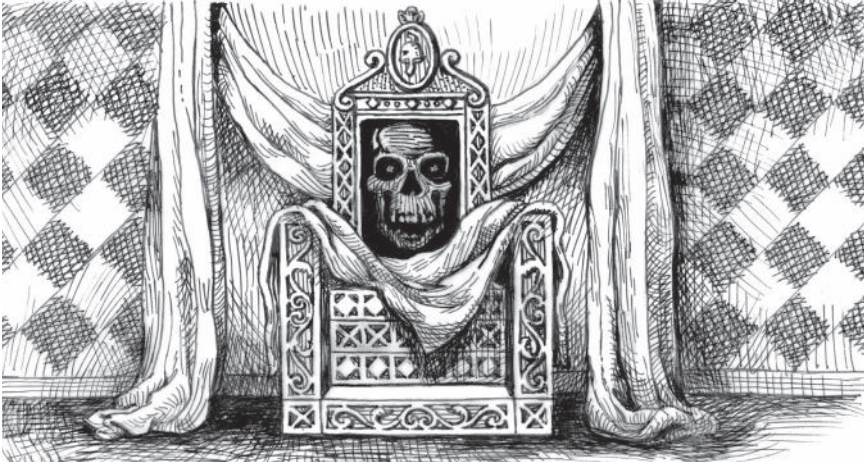
*Essa capacidade de revelar a multiplicidade humana permite explicar a sua popularidade mesmo entre povos não ocidentais e além do limite do palco. Situações e personagens shakespearianos são constantes em séries e novelas de TV, filmes ou romances populares.*

*Há Shakespeare para todos os gostos, essa é a verdade. Há o registro leve, em um inglês, inclusive, popular, informal nos diálogos de comédias como As alegres comadres de Windsor ou A megera domada; há o lirismo poético dos diálogos apaixonados em Romeu e Julieta; há o rigor histórico no registro das vidas trágicas de Antônio e Cleópatra e Júlio César, por exemplo, ou a análise de almas conturbadas e quase patológicas, caso de Hamlet, cujo protagonista não se isenta de representar a própria loucura para descobrir a verdade, em uma trama repleta de traições e desenganos.*

*Hamlet é, inclusive, a peça mais longa e ambiciosa, em termos de sofisticação dramática, de Shakespeare. Sua montagem completa ultrapassaria quatro horas. É nela que constam inúmeras citações shakespearianas, tão fascinantes para o público, como: “Ser ou não ser, eis a questão”; “Há mais coisas entre o Céu e a Terra, Horácio, do que supõe tua vã filosofia”; “Há algo de podre no reino da Dinamarca” e “O que resta é o silêncio”.*

*Neste volume de Três pais, o escritor Paulo Bentancur optou por uma versão em prosa narrativa, distanciando a trama dos palcos, mas sem perder de vista a intensidade das dúvidas hamletianas e a dramaticidade das traições mórbidas que rondam o trono da Dinamarca.*

*Para William Shakespeare, que nem foi o primeiro a escrever esta história<sup>1</sup> mas foi quem a escreveu com tal brilho que, passados 400 anos, ainda a lemos atordoados, sofrendo junto com o jovem príncipe Hamlet, enfiados em dúvidas que vão além do simples ato de viver, ato que nos coloca frente a frente com perguntas para as quais as respostas muitas vezes não surgem. Nem mesmo depois de se passarem 400 anos.*



## 1

### SOMBRAS SOBRE O TRONO

ESTA HISTÓRIA TEM MUITAS personagens e algumas sombras. A maior delas, meu pai.

Meu pai, uma grande personagem. Meu pai, uma enorme sombra que me joga nas sombras, que me afoga no escuro mar das dúvidas.

A primeira dessas dúvidas: será mesmo essa sombra o meu pai?

<sup>1</sup> Amleth ou Hamlet, príncipe da Dinamarca, é personagem lendária de narrativa do final do século XII, de autoria do historiador Saxo Grammaticus (*História da Dinamarca*, especificamente no capítulo “Ato dos Daneses”). O jovem príncipe, nessa obra, teria simulado loucura para vingar o pai, assassinado pelo irmão, tio de Amleth, Fengo. Mais tarde, essa versão seria retomada, em uma tradução simplificada, pelo francês François de Belleforest (1530-1583) em suas *Histórias trágicas*, um conjunto de sete volumes de incontáveis lendas, entre as quais a de “Amleto” (outra de suas grafias), e em uma suposta peça do teatro elisabetiano conhecida hoje como Ur-Hamlet (o prefixo alemão *Ur* significa “primeiro”), de Thomas Kid (1558-1594), peça que se acredita extraviada e que pode ter sido exibida em 1589, uma década antes da versão mais conhecida, de Shakespeare. Há ainda críticos que apontam a trilogia de peças conhecida como *Orestíada*, do dramaturgo grego Ésquilo (cerca de 525 a.C.-456 a.C.), como outra das fontes onde Shakespeare foi beber. Neste caso, Orestes vinga o pai matando Egisto, o amante da mãe, e a própria mãe, Clitemnestra, que foi quem matou o marido, Agamenon. Parece que a história interessou a muita gente, de fato. O que só reforça a excelência do texto shakespeariano.

Como acreditar num fantasma? Como não fugir dele, como não evitá-lo? E evitar um fantasma é desacreditar no que ele diz. A simples presença de um fantasma já é uma acusação. O peso de sua morte oprime este reino. Há algo de podre, sim, aqui na Dinamarca, cujo trono foi de meu pai e hoje é de meu tio, Cláudio.

Assim, vivo esse dilema horrendo. Se tudo em minha existência era gigantesco, agora tornou-se penoso.

Analisemos com calma. Meu pai é o rei.

O rei está morto.

O fantasma do rei ronda este palácio.

A guarda o viu em algumas noites. Alertou-me.

Não quis acreditar. Fui ver.

Era.

Hoje o rei é meu tio, que desposou minha mãe, a própria cunhada.

Minha mãe parece não sofrer como eu sofro.

Terá meu tio algo a ver com a morte de meu pai?

O trono era meu por destino. Herdeiro da coroa real, eu sentaria ali e comandaria o reino. Mas meu tio, casando com minha mãe nem dois meses depois da morte do soberano, fez juz ao cargo e ao poder. E agora, deserdado, espero não sei exatamente o quê.

É possível esperar enquanto tudo isso acontece? É possível esperar quando se perde o pai, se perde o trono, e a nossa mãe casa logo com um aparente inimigo?

Minha espera não é calma, bem o contrário. É uma tortura, me tira toda a paz e não consigo me concentrar em nada.

Parece que até meu pai resolveu agir. Até meu pai, desde o distante país das sombras, desde o abismo longínquo da morte, desde esse lugar de tão difícil acesso, até ele, meu pai, resolveu agir. E sua figura encurvada e triste e acusadora brota entre a pálida claridade das noites de alguma lua.

Enquanto isso, eu não ajo. Eu observo e me pergunto e tento entender.

Mas a saudade me fere e me paralisa.

A dúvida me fere e me paralisa.

A vergonha me fere e me paralisa.

Meu corpo jovem parece pesar como chumbo, meu coração parece ter mil anos, e ando com passos silenciosos, sem força de pisar firme, me esgueirando por meu próprio reino. Talvez não mais meu.